CADERNOS DA UNIÃO 2

ENTERREM MEU CORAÇÃO NO RAMELAU

UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

ADVERTÊNCIA

O presente livro foi refeito de fotografias tiradas por João Paulo Esperança de uma cópia bastante danificada. Fica aqui vai o nosso agradecimento especial ao João Paulo. Não existem cópias impressas do presente livro em Timor-Leste, ou se existem, os donos negaram o acesso a mesma para a sua digitalização para registo e partilha do trabalho realizado pelos diversos camaradas que apoiaram Timor de Angola.

Devido ao estado da cópia fotografada, não foi possível manter os desenhos de interior de **JOSÉ ZAN ANDRADE.**

Apesar da ilustração da capa ter sido inicialmente atribuída a António P. Domingues e Fortunato, relembra-se que a ilustração na capa do presente livro foi atribuída a **FORTUNATO DO AMARAL**, sendo que as ilustrações de **ANTONIO DOMINGUES** no seu estilo surreal constaram do livro Cantolenda Maubere de Fernando Sylvan.

Voltamos a lembrar que os trabalhos de digitalização e reconhecimento ótico automático de caracteres (OCR) tende sempre a resultar em erros de formatação. Dedicamos algum tempo para identificar algos erros e corrigi-los, contudo, é possível que nos tenham escapado alguns.

A paginação e tipo de fonte não seguiu paginação inicial. Para os camaradas que dizem que poderiam fazer melhor, ora que façam e partilhem…que iniciemos um diálogo assente em troca de trabalho e não assente na troca de palavras.

FICHA TÉCNICA

CAPA:	ANTONIO P. DOMINGUES E FORTUNATO DO AMARAL
DESENHOS INTERIORES:	JOSÉ ZAN ANDRADE
RECOLHA DE TEXTOS:	AMAVEL FERNANDES
EDIÇÃO:	UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS
COMPOSICAO E IMPRESSÃO:	LITO-TIPO LDA.

Enterrem meu coração no Ramelau

Poesias de Timor Leste

Índice

PREFÁCIO

1. Chega às suas mãos, leitor amigo, esta pequena coletânea de poesia maubere. Aparecendo em circunstâncias particulares da luta de Resistência Nacional do Povo de Timor Leste pela sua afirmação de identidade nacional e cultural, ela não esgota de modo algum o enorme manancial que é a produção poética do Povo Maubere ao longo da sua existência milenar. Ela pretende, deste modo e tão só, ser um sopro de mensagem a todos os Povos do mundo, e, em especial, ao Povo irmão de Angola, a atestar a disposição do Povo Maubere de alterar o curso de uma História que à força querem tomar sua.

O Povo Maubere hoje luta e encontra a sua força no âmago da sua própria História de resistência e afirmação culturais onde as mais maravilhosas formas de expressão poética sustentam a eloquência de uma linguagem fluída e ritmada que canta o dia a dia da sua faina pela sobrevivência, sua ligação íntima Homem/Natureza, seus conflitos sociais etc. É pois, nas profundezas desta História Cultural que se encontram mergulhadas as raízes tia poesia contemporânea de combate do Povo Maubere. Contudo, queremos chamar desde já a sua atenção, pura um facto de primordial importância que lhe permitirá assim compreender o estádio da poesia maubere na fase actual, já que os poemas ora inseridos nesta coletânea não cobrindo exaustivamente as produções contemporâneas dos poetas mauberes são, efectivamente, uma sua amostra real no campo da poesia escrita em língua Portuguesa. Com eleito, o leitor pouco ou nada irá aferir da dimensão da poesia contemporânea de combate do Povo Maubere escrita em Tétum, língua nacional da República Democrática de Timor Leste, a língua por excelência dos poetas e oradores mauberes.
Não querendo assim passar em branco sobre domínio tão importante e assaz não menos difícil de abordagem que é a poesia maubere, em Tétum, julgamos útil neste pequeno prefácio à guisa de um à-parte pro curar demonstrar o esforço

dos poetas mauberes contemporâneos e cultores da língua Tétum, nomeadamente, Borja da Costa, Kautay Sarmento e Oky Amaral, em desenvolver as formas antifas de poesia maubere associadas às ricas e abundantes expressões metafóricas com que em geral a adornam.

Manu aman FRETILIN
Manu futufatin
Lalika tau tara
Manu futufatin

FRETILIN é um galo
Um galo veterano de luta
Não é preciso lâmina alguma
Pois é galo veterano

Nestes versos de um poeta-guerrilheiro anónimo surgidos em plena Guerra de Resistência Nacional contra o invasor indonésio, em 1978, é de realçar o paralelismo como forma elevada de construção poética bem como o símbolo de galo atribuído à FRETILIN.

«Alem do sentido literal, manu aman possui, desde tempos imemoriais, um sentido característico em Timor, onde o jogo do galo constitui a mais excitante das diversões preferida a qualquer outra.

Ser manu aman é ser resoluto, combativo, senhor de si, disposto a não alienar nunca os seu direitos sem rija luta» (In «A alma de Timor vista na sua fantasia» de Ezequiel Enes Pascoal, 1967, Pág. 98).

Do mesmo modo, a mesma expressão alude a uma figura lendária da região de Soro no seguinte extracto de um recital contido na narrativa sobre a origem e luta dos habitantes daquela região contra o expansionismo dos seus vizinhos:

Hau rai Sur manu
Pu Koli Sarin,
Dara Há, Aitua
Manu rai nain

Eu sou o galo de Suro
De Pu Koli e de Sarin,
De Dara Há e de Aitua,
Sou o galo senhor da terra.

Borja da Costa, cuja vida foi ceifada barbaramente pelo agressor indonésio, no início de uma fulgurante criação poética legou-nos poemas de inigualável rigor métrico, revelador de um conhecimento e domínio das regras da poesia clássica maubere. Os seu poemas «Foho Ramelau» (Monte Ramelau) que musicado por Abílio Araújo ficou consagrado como o Hino da Revolução Maubere, «Kdadalak» (Ribeiros) e «Fitun mutin» (Estrela branca) marmam uma sábia apropriação da simbologia dos elementos naturais temas gratos da poesia timorense, para o combate libertados do Povo Maubere — a imponência do Monte Ramelau símbolo da grandeza da independência e soberania de um Povo, a forca de unidade de

um povo comparada à forca dos ribeiros quando se juntam; e, a estrela que, para um povo insular é um ponto de orientação geográfica, simboliza no poema de Borja da Costa a FRETILIN, o Guia do Povo.

Fitu mutin lalehan

Lakan Rai kalan

Nabila Rai Timur

Iha Rai klaran.

Fitun mutin lalehan

Mai dada dalan!

Mada dada dalan los

Dalan sai Naroman

Timur neon naroman

Matan nakloke

Estrela branca celestial

Ilumina a noite escura

Bilha sobre Timor Leste

Sobre todos nós

Estrela Branca Celestial

Vem orientar o caminho

Vem mostrar o caminho certo

Que nos leve à luz

Vem abrir os nossos olhos!

Vem iluminar as nossas consciências.

Hoje, no turbilhão da guerra, chegam ecos de poemas de combate, de desafio às máquinas da morte dos indonésios a par de poemas plangentes de dor e sofrimento onde se formulam em jeito de prece o fim da dor e do sofrimento outrora infligidos apenas pelas forças da natureza tal como dão prova os seguintes versos atribuídos pela tradição oral aos primeiros habitantes de Aileu:

O bira nor leo
Hail fe bira her
Sale aia Lau-Mer,
Dia no teras,
Ma louci bail,
Hine nor ana nia,
Huhun metan nian,
Oen hoda nia,
Saic se ni auta,
Saic se ni aita,
O bau mali
Mau heut era,
Be hiri sai
Huhun be meta ia,
Oen be meta ia.

Ó relâmpago e trovão

Se rebentarem dessa lado,
Rachem as arvores em Lau Mer,
Em dia e Teras,
Mas passem longe
Das mães e dos filhos,
Da cobertura das casa,
Das colunas das casa,
Rachem, apenas, as pedras
Rachem, apensas, as arvores,
Ó chuva miúda,
Chuva da segunda época
Não venhas com força,
Contra a cobertura da casa
Contra as colunas da casa.

Queremos ainda salientar as dificuldades que temos de enfrentar para apresentar a tradução em português dos poemas em Tétum. Esta dificuldade advem do dacto de que as traduções dos versos de uma língua para a outra se revestem sempre de problemas característicos alem de que esta ainda por concluir o estudo aprofundado da língua Tetum com todas as suas subtilezas não so no campo da literatura e oratória como também na poesia, aliás, um domínio ainda mais inexplorado. A língua Tetum que como foi dito é a língua nacional do Povo Maubere e que sempre foi um factor de unidade, manteve-se como língua de Resistência pois é em Tétum que os «Lianain» — oradores e cultores da língua

— contavam às geração as historias dos feitos dos antepassados. E assim, ela manteve-se em crisálida ao longo do período de dominação colonial portuguesa para ressurgir com a FRETILIN em toda a sua força e riqueza inesgotáveis.

POESIA TRADICIONAL

ENIGMA DO FUTURO

Este ano explodiu A terra abalou-se

A terra Timor tremeu

Assustaram-se os espíritos

Sentados e encostados num canto

Os espíritos em sobressalto

Entram e saem da casa

Repetem sempre

Saem e entram em casa

Perguntam o mesmo

Quem estará do lodo certo?! ...

III

Maubere e Bibere Escutem

Ontem e antes de ontem

Ainda se estava a discutir

Hoje já não é necessário

Chamar por outra coisa

Olhem para o céu

E procurem a Estrela Branca

A Estrela que apareceu no céu

Vem iluminar-nos o caminho

IV

Sigam o brilho da Estrela

Quem estará do lado certo?

Abram os olhos e vejam

Quem são eles

Ontem e antes de ontem

Dizem uma coisa

Hoje agora mesmo

Dizem outra coisa

Ontem e antes de ontem

Dizem salvar-te

Hoje agora mesmo

Dizem arrojar-te

Que são eles?! ...

V

O cão sem vergonha

Anda a mentir sempre

Agora é órfão

Mente na mesma

Oh cão sem vergonha

Tu ainda ladras?

Este órfãozinho

Tu ainda discutes?

Aqueles que te seguiram

Para onde vais levar?

Enrolaram a esteira e fugiram

Deixaram as suas casas

Deixaram até a nossa terra

E assim hão-de morrer espalhados

Aqueles que te acreditam

Hoje são órfãos!!

VI

Órfãos à força

Por serem mentirosos

Por serem inconscientes

E hoje estão prisioneiros

Sentados e prisioneiros

Prevêm as suas dificuldades

E agora para mudar

Custa que custar ...

E este fim do ano

Podem voltar outra vez? ...

Rodeiam-se na lareira

Adivinham na mesma

E agora órfãos

Ainda sentados a pensar

Sentados e encostados num canto

Prevêm o futuro! ...

FERNANDO SYLVAN

INFÂNCIA

as crianças brincam na praia dos seus pensamentos

e banham-se no mar dos seus longos sonhos

a praia e o mar das crianças não têm fronteiras

e por isso todas as praias são iluminadas

e todos os mares têm manchas verdes

mas muitas vezes as crianças crescem

sem voltar à praia e sem voltar ao mar

LUTA

Pássaro sem espaço

Rio sem leito

Árvore sem floresta

Mas dou sinais de mim!

CORRIGENDA

Nenhum povo é grande por ter apenas fastos a contar,

Mas pelas liberdades que soube viver

E pelo amor que tiver para dar.

MEDO

Dia a fechar-se

À noite próxima

E um

homem a outro

CANÇÃO TIMOR DE EMBALAR

Meu menino

dorme

dorme...

Diziam

as mães antigas

aos filhos

para fechá-los

no sono

sobre as esteiras.

Acorda

meu filho

acorda...

Sacodem

as mães agora

os filhos

para chamá-los

às armas

e às canseiras.

Acorda

meu filho

acorda...

Não podes

dormir sonhar:

guerrilheiro

tens de ser

que o povo

tem de lutar!

Meu menino

dorme

dorme...

Não podiam

nesse tempo

nem futuro

amanhecer

nem liberdade

cantar

VELHAS FLORESTAS DE AGORA

Eu tinha uma floresta
Quando era pequenino.
Ela era na montanha
No alto lá dos altos.
As florestas serviam para todos brincarmos.
Espécie de poesia
De árvores e bichos;
O perfume do sândalo

A paz da casuarina
A flor do cafeeiro
A altura dos coqueiros
A cor da bananeira
O estilo dos bambus
Os laços dos cipós
O riso dos macacos
O salto dos veados
O canto dos loricos.
As florestas serviam
Para todos brincarmos.

Mas não era a verdade.
Ilusão de meninos.
As florestas serviam
Desde séculos e séculos
Como templo sagrado
De rezar liberdade.
Nossos pais e avós
Nas florestas secretas
Iam gritar a sua revolta
E rezar liberdade.
E escreviam no chão
E escreviam nas pedras

E escreviam nas arvores
Contra o seu opressor
As palavras precisa
De rezar liberdade.
E ainda servem agora
A heróis guerrilheiros
Como tempo sagrado
De rezar liberdade!

BORJA DA COSTA

O GRITO DO SOLDADO MAUBERE

Segunda-feira

Alta Madrugada

11 de agosto

Repentinamente

O silêncio da noite

Foi quebrado

Por tiros de espingarda

Indivíduos armados

Transportando-se em carros

Provocam tiroteio ensurdecedor

Fazem prisões arbitrárias

Assaltam a PSP por obra e graça do seu Comandante

Matam soldados de 2ª linha à traição

E incompreensivelmente

As autoridades

O Governo

Cruzam descansadamente os braços

E nada fazem

Para impedir os abusos

Ou defender os indefesos

Terça-feira

O povo maubere é perseguido

Amarrado

Espancado

Por esses vândalos da UDT

Que se batizam de anti-comunistas

E O GOVERNO CONTINUA A CRUZAR OS BRAÇOS

Quarta-feira

Em vários pontos do nosso território

Aumentam as prisões

Agravam as agressões

E à barbárie

E ao vandalismo

da reacionária da UDT

E seus lacaios criminosos

Se denomina de

Movimento Revolucionário

Anti-comunista de 11 de Agosto

Violando jovens, mulheres e crianças

Matando esposas e filhos de meses

De militantes da FRETILIN

E O GOVERNO CONTINUA A CRUZA OS BRAÇOS

Quinta-feira

O governo continua a cruzar os braços

E cinicamente

E hipocritamente

E sadicamente

E criminosamente

E traiçoeiramente

Quer sentar o criminoso

Com a vítima ensanguentada

O carrasco armado

Com o representante do povo desarmado

Sexta-feira

Mais saques

Mais violações

Mais incêndios de palhotas

Semeando terror

Espalhando a morte

A destruição

A miséria

O caos…

E O GOVERNO CONTINUA A CRUZAR OS BRAÇOS

Sábado

O crime alastra-se por todo o território

O povo é escorraçado

Ou jogado nas chacinas fratricidas

Pilhas de cadáveres

Mergulham em rios de sangue

Roldão de fumos negros

Escurecem os céus de Timor

Espalhando o cheiro de corpos queimados

Em palhotas incendidas por

ordem da criminosa UDT

E O GOVERNO CONTINUA A CRUZAR OS BRAÇOS

Domingo, segunda e terça-feira

Os comandos militares são

atraídos para o conclúio criminoso

E tentam enganar os soldados mauberes

Ao silêncio assassino

Com a cantilena colonialista do a-p-a-r-t-i-d-a-r-i-s-m-o

Enquantos os homens

As mulheres

As crianças

Os bebés mauberes

Vão tombando em poças de sangue

Atravessados pelas balas assassinas

Dos carrascos da UDT

Que ao vergonhoso assassínio

Chamou de Movimento Revolucionário

de 11 de Agosto

O soldado maubere pede justiça

Reclama pelo sangue dos seus

E O GOVERNO CONTINUA A CRUZAR OS BRAÇOS

Quarta-feira (20 de Agosto)

O sangue vertido

Não deixou ecoar

Nas veias dos soldados mauberes

E o soldado maubere

Ergueu a sua espingarda

E sacudiu das suas costas

O peso da criminosa influência

Dos galões colonialistas

Saiu à rua

Em defesa do povo maubere

Enfrentou as balas assassinas

Encurralou os criminosos

E enchendo o coração de estoicidade heroica

GRITOU

NÃO ao assassínio

NÃO ao colonialismo

NÃO às garras dos vândalos na carne do povo maubere e no solo de Timor-Leste

SIM com FRETILIN

Para a LIBERTAÇÃO TOTAL!

OS VENTOS DO TEU DORSO

Morde as areias escaldantes de Sinai

Fere as tuas botas em Golan

Mas não fique nos pequenos oásis

O teu heroico caminhar

Segue em frente!

Levanta a cara,

Mesmo que o vento te bata na cara.

Mas levanta a cara

Que ele jamais te baterá no dorso

Que ele jamais saqueará o teu Povo.

A todos aqueles cujo ideal

É a luta pela Libertação do Povo.

DEMAGOGICAMENTE

Caminhava condenado ao vento,

Ao sol; à chuva, ao relento

Descansando vigiado à sombra da árvore,

Dos raios do sol, ao relento,

Trabalhava renegado ao vento,

Ao sol, à chuva ao relento

Voltando a descansar,

Mas abandonado à sombra,

Sem sombra, sem sol, sem chuva, sem vento,

Debaixo da terra, com a terra onde me enterrara

Tornando aquilo que na vida me roubaram

Os carrascos fascistas e os revisas pacifistas

Muito DEMOGOGICAMENTE…

EUGÉNIO SALVADOR PIRES

O RASGO DAS TREVAS

Magico torrao este do Levante,

De forma esguia, quase pisciforme,

Nesga aplacada do globo informe,

Nos tempos idos, na era distante!

Manteve-se obscuro e vexante…

No colonial jugo e uniforme

De ex-Portugal fascista e enorme,

Quando dele se fez parte integrante!...

Mas de chofre e aurora dealbou,

E, então, das ilhas…e mares no meio,

Leste cresceu e grande se tornou!

Por que breve no palco vai-se estar,

Para mostrar ao Mundo, sem enleio,

O poder de o seu rumo autotraçar.

EPITÁFIO

Anoitece. A leste a lua espia.
O carro estanca. O meio é transido.
Reina o ermo. Não há alarido.
Paira a quietude. Nem ave pipia.

Carro o deixamos. A voz alguém cria:
— «Cam'rada David aqui. Perdido
No nosso ataque duro e renhido
À vilda de Aunaro. Além morria!...»

Abeiramo-nos da campa, entretanto.
Minutos de silencio à sua memória.
A hora é de paroxismo e de pranto.

—Sucumbiste, David, por uma causa!
Mas ficaste eterno na História,
Que os tombados em prôl da mesma causa!

JOSÉ ALEXANDRE GUSMÃO

PÁTRIA

Pátria é, pois, o sol que deu o ser
Drama, poema, tempo e o espaço,
Das gerações, que passam, forte laço
E as verdades que estamos a viver.

Pátria…é sepultura…é sofrer
De quem marca, co'a vida, um novo passo.
Ao povo — uma Pátria — é, num traço
Simples…Independência até morrer!

Do trabalho o berço, paz, tormento,
Pátria é a vida, orgulho, a aliança
Da alegria, do amor, do sentimento.

Pátria…é tradições, passado e herança!
O som da bala é…Pátria, de momento!
Pátria…é do futuro a esperança!

ELEGIA AO SOLDADO MAUBERE

Reconheca o Mundo teu grã valor
Nesta hora amarga de uma guerra triste
Em que um grupelho infeliz d'arma em ristes
Massacrou o Maubere, regou-o de dor!

Provaste em façanhas teu prato amor
Irado, já, dos crimes que tu viste…
Soldado, em ti, a justa causa existe
Pois doutro modo só seria rancor!

Estranhos deste tempo ou doutras eras
Amordaçar quiseram as tuas gentes
De cobiça ávidos, vão quimeras…

Combatestes com firmeza os dementes!
Sabes do Povo filho ser, devera —
Ergueste teu punho…Tua Pátria sentes!

MAUBERIADAS

(Excerto)

Combatem-se teorias de ilusões
Da pátria o povo sente mais amor,
Em qualquer suco e ainda em povoações
Timorense já se chama Timor.
Qual bola de neve em país de sol,
De acácias rubras e mangueira sem flor,
A frente se agiganta mais e em prol
Da terra por que luta com ardor.

Altas nuvens riscando o céu de anil
Negrura de noite que se avizinha,
Tristonho búfalo volta ao redil
E ouve pachorrento a ladainha;
Tristes cancões dum povo que revive
Feitos doutras eras, ao som da guerra,
E não deseja, agora, que o prive
Da honra de pátria chamar dua terra!
Frigidas paragens onde o esforço humano
Se sumia em tristeza e escravatura

(Marca de angústia do poder profano em
Em moléstias, fome e frio com fartura),
Um mar de corolas a esbranquiçar
Verde encontra, húmida e imponentes
Do cafezeiro o fruto vai mudar
Em café amargo a lágrima quente.

Ao vento a balouçar os arrozais
Que em convívio alegre o bom tempo gera,
Não muito longo rugem bambuais
Onde cobra ou jiboia lá impera.
O bago de arroz, um produto forte,
Os estranhos celeiros vai encher
Ou, se resignando cada um a sorte,
Obrigará, o tempo, a ceder.

M. LETO

MEMORIAS INESQUECÍVEIS

Naquele azul anilado do espaço astral

Estrondearam os trovoes

Prosperavam intensas luzes deslumbrantes

E a pérfida da nuvem sombria

Emparelhada ao vento bárbaro e ciclónico

Danificaram a terra glorificada

A Terra dos Mauberes!...

E muito traiçoeiramente,

Já o 78 ia dar por fim

Naquela manha cálida

Por entre o tiroteio louco da infantaria

Por entre as assassinas bombas

A flor genuína da Revolução,

A pétala das acácias sem morte

Desabrochando do maubere

Tombou heroicamente!

Lagrimas, sangue e suor…

Memorias inesquecíveis

MAU-BESSE!...

Oh, mas não, não!

Não pode ser! Desta sorte assim tão cedo!

Gritos, mais gritos,

Gritos, mais altos ainda,

Dilaceravam os céus de Timor Leste

E as vozes propagavam doloridas

De pedra em pedra

De montanha em montanha

Declamando a grandeza suprema

Do FOHO RAMELAU!

Inundaram-se as nossas ribeiras

Emocionaram-se os nossos corações

Transtornaram-se as nossas mentes…

Importa, pois, certamente,

Fazer por valer em cada peito

Do choro ou nos ais de cada

Da simples dor continda

Do sangue e suor vertidos

Por todos quantos se valeram

No teu gérmen bem resguardado

Da ousada luta triunfante

No crescer da poesia

Sob a decisão inquebrantável

De lutar, lutar, lutar ainda mais

E LUTAR ATÉ VENCER!

UM GRITO DE ESPERANÇA

Timor Leste,

Pátria da nossa geração!

Estes olhos banidos

Voltarão a ver as tuas costas

Estes passos

Pisarão as tuas margens

Hoje ou amanhã, um dia.

Será um dia

Em tempo é chegado.

Ainda te distinguimos claramente!

Na moradia das nuvens

por cima delas, no cimo

o céu continua azul!

Aí temos.

O Maubere reclama:

Eia! Coragem! Para a frente!

Na verdades, as nuvens

Não hão-de vencer o sol.

Nunca por nunca!

Estamos convencidos disso.

A única semeadora de esperança

Depositou um grão de vitoria

Em cada Homem Maubere,

Ao ritmo dos sons da guerra

Que se vibram cada dia

Nas fibras magnéticas,

Nas dobras do coração

Dos patriotas temores,

Fecundou a terra querida!

Da esperança germinada

Treme a região

Agita-se o mundo

São as raízes que nascem

Bem mergulhadas

Na terra das ideias,

Dos princípios

Da filosofia dos oprimidos

Oh, terra sacrificada!

Terra onde nascemos,

Serás no canto das armas

E de outras melodias sem fim,

ERGUIDA E LIBERTA!

CRIANÇAS MAUBERES

Pioneiros…

Na Insulíndia

Que por razão sem razão

Foram ceifados

Pelas balas inimigas!...

Curvo-me com emoção honrando memórias

Inesquecidas.

Continuadores da revolução

Combatentes vigilantes

Contra as bombas assassinas!...

Envaidece-me a vossa heroicidade

Orgulha-me a vossa valentia

Presto-vos…

Minha maior administração

Filhos…

Da Pátria Maubere

Que desafiando dificuldades

Nascem como a flor

Desabrochando na Primavera!...

Saúdo-vos com alegria

Na certeza da vitoria.

JORGE LAUTEM

ENTERREM MEU CORAÇÃO NO RAMELAU

1

Que faço eu neste quarto de madeiras húmidas neste país distante? As pálpebras apertam-se como duas lâminas e impedem-me o sono. Lá longe, no país de Timor, na profundeza do mar, o molusco bivalve abre docemente os lábios e serve os últimos resíduos de luz.
Oh, assim também eu gostaria que esta memória não me afogasse em catadupas.

2

Entreabro os olhos. Os eléctricos passam como gaiolas acesas desertas nestas ruas secundárias de Lisboa. Morre-me o intento de abrir as venezianas à luz da madrugada. Cambaleio no quarto. Na minha mão um frasco de perfume barato comprado num drugstore de Austrália. Oh, sei que adorarias este perfume, e estou a ver-te recebê-lo com o teu sorriso adolescente. Adorarias este perfume, Elisa, se estivesses viva, se não te tivessem metralhado o peito, o desenho duma borboleta de sangue sobre os seios morenos.

3

Oh Suharto, mira-te as últimas vezes no mármore preto do chão do teu palácio. Terás a morte na sauna do teu sangue. Esqueces que a alma de Timor é uma couraça, esqueces que somos filhos do grande crocodilo que cruzou o oceano.

4

O Tata Ramelau volatizou-se no nevoeiro de gás. O seu espírito espera-vos, soldados doutras pátrias, em cada esquina de Dili, em cada curva da estrada, em cada pastilha elástica que mastigam suados de medo.

5

Estou aqui e penso: nem a morte nos pode juntar: vocês morrem pela ordem e pacificação na 27ª província e nós morremos pela nossa pátria independente.

6

Ainda me lembro em fins de Novembro, uma criança corria na areia fina da praia de Dili: que vento lhe apagou as pegadas de criança?, que morte lhe tolheu os passos? A todos os refugiados do Jamor perguntei por este meu filho de olhos cor de Timor. Em cada rosto um mapa de passos perdidos nas rugas de areia dos exilados.

7

Abro o armário de madeira húmida e visto uma camisa lavada que me deram em Port Darwin. Abro a porta para a terra estrangeira e o frio de Janeiro corta-me a pele. Fecho a porta como se enterrasse o meu coração no cume do Ramelau.

NESTA FOTOGRAFIA AMARELA

Nesta fotografia amarela
está meu tio com a velha carabina Winchester
do Pelotão de Polícia da Fronteira
de Bobonaro
Recorda-te quando passávamos no bairro Lahane
e olhavas desdenhoso para as moradias
insultando os seus habitantes
no teu português de Bidau
Talvez um pouco bebido
talvez um pouco revoltado
Contavas as batalhas contra os japoneses
desde aquele dia em que veio
o estrangeiro de Koepang
Estrangeiros eram eles todos
era isso que me querias dizer
e eu menino de livros da Companhia de Jesus
não te compreendia
nessas tardes quentes
só o toque
te respondia com o seu grito estrídulo
na imensa ignomínia das casas

de varandas sombreadas

da servidão

NÃO MAIS SOB A ARVORES DE BÔ

Não mais a pureza de Ramahyana

O incenso e o sândalo

Os pes nus nas pedras do templo

Equanto eles comerem na minha mesa

Na velha casa de Dili

Não mais me sentarei sob a árvore de Bô

PEQUENA ODE PARA NICOLAU LOBATO

Não sei exatamente o dia nem a hora

Em que morreste. Não sei o lugar do último

Acampamento.

Mas tenho a certeza que os peixes coloridos do meu mar de memória

Se atiraram doidos

E se mataram nos corais

Da minha magoa

Toda a noite os tambores babadoks

Tocaram

e

belas borboletar caíram de asas

iridescentes

estilhaçadas

LAMINAS NOS PÉS

O meu galo tem crista vermelha

Ágil com laminas relampejantes

Nos pés

Acorda-me a cantar na madrugada

Na região amada de Los Palos

Com laminas relampejantes nos pés

Dirijo-me ao centro

Da batalha

EXILIO

O búfalo com chifres de prata

Poisa no nenúfar

No nenúfar do exilio

Búfalo ou borboleta

JUNTEM OS NOSSOS OSSOS

Juntem os nossos ossos
Dispersos há séculos
Desde as planícies de Alas a Bibiluto
Dos sopés de Ainaro a Lete Foho

Juntem-nos

Empilhem-nos osso sobre osso
Como escadarias brancas
Subireis então
Soldados de Djakarta
De degrau em degrau
Até ao Tata Mai Lau…

NÃO PISARA TIMOR

Nasceu nas barracas de Kampang
Deixou talvez uma mulher grávida
A chorar nas escadas de Borobudur

Era o primeiro na fila estreita
Dei-lhe um só tiro
Porque são escassas as munições

Tirei-lhe dos pés as botas de cabedal
Não subitá com elas os degraus de Borobudur
Nem pisará com elas
A terra sagrada de Timor

A MINHA CASA NA PONTA LESTE

Em refúgio de eterna
monção
Um espírito suspira
no telhado
sob a lua de sândalo

A meu lado uma criança
dorme
sonha
com a bela mutissala
de coral
nos pulmões
independentes

em baixo na erva alta
Serpentes
Rastejam
Como indonésios

CIRCUM-NAVEGAÇÃO DA DOR

Repouso sob o bambu
Antigo dos ossos
Pelas hastes antes de
Pigaffeta
Fazer a circum-navegação
Da minha dor

Uma mulher de olhos silenciosos
Traça os cambatics
Fibra a fibra
Circum-navegação
De Timor